

O QUE SIGNIFICA SER AFRICANO? - uma análise discursiva das formações imaginárias em *Americanah* (2013) de Chimamanda Ngozi Adichie

*What does it mean to be african? – discourse analysis of imaginary
formations in Americanah (2013) by Chimamanda Ngozi Adichie*

Anilaury Maria Batista da Costa¹
Maria Angélica Oliveira²

Resumo: Este trabalho propõe-se analisar o romance *Americanah* (2013) da autora Chimamanda Ngozi Adichie para entender quais imagens da/o negra/o-africana/o e da/o branca/o-europeia/eu são feitas no jogo de formações imaginárias disposto no discurso de personagens do livro. Sob a luz de pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, procuramos problematizar que posições os sujeitos atribuem a si e ao outro no processo discursivo e explorar no mecanismo de antecipação, passível de observação pela presença do narrador onisciente na trama, que imagens são feitas das referidas posições de sujeito (PECHÊUX, 2014; ORLANDI, 2015). Salientando o retrato feito pelo livro de uma história de imigrantes nigerianos vivendo em países desenvolvidos, recorreremos a contribuição teórica de Hall, Silva e Woodward (2014) para entender a dicotomia “branca/o – europeia/eu” - “negra/o-africana/o” e os significados atribuídos a estes nos sistemas de representação, bem como considerações de Kilomba (2019) sobre aspectos que

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: anilauryc@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8320-5164>

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: maria.angelica@professor.ufcg.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1284-4564>

conectam as vivências da diáspora negra. Identificamos que as relações de poder que interferem na constituição dos sistemas de representação transparecem nas formações imaginárias, mostrando a/o negra/o- africana/o sob significações negativas. Todavia a narrativa revela que este sujeito tem consciência desta representação e usa isto como ferramenta de sobrevivência nessa conjuntura, por meio da assimilação ou rompimento destas imagens (FANON, 2001; JONES, SHORTER-GOODEN, 2004).

Palavras-chave: representação do africano; análise do discurso de linha francesa; *Americanah*; formações imaginárias.

Abstract: This work aims to analyze the novel *Americanah* (2013) by the author Chimamanda Ngozi Adichie to understand what images of black/African and white/European people are conveyed in the imaginary formations present in the discourse of characters. Based on French Discourse Analysis framework, we aim to inquire about which positions the subjects assign to themselves and to each other in the discursive process and to explore through the anticipation mechanism, which can be observed due to the presence of an omniscient narrator in the story, what images of these subject positions are conveyed (PECHÊUX, 2014; ORLANDI, 2015). Stressing that the picture painted by the book tells a story of Nigerian immigrants living in developed countries, we use the theoretical contributions of Hall, Silva and Woodward (2014) to understand the dichotomy “white/European” – “black/African” and the meanings attributed to them in systems of representations and Kilomba (2019) about the experiences of black people in this socio-political context. We identify that power relations, which interfere in the construction of systems of representation, emerge in imaginary formations, showing the black/African under negative meanings, although the story reveals that the black/African

subject is aware of this representation and uses that in his favor, as a tool to survival in this context, through assimilation or disruption of these images (FANON, 2001; JONES, SHORTER-GOODEN, 2004).

Keywords: african representation; french discourse analysis; americanah; imaginary formations.

1 INTRODUÇÃO

A era em que vivemos tem trazido significativas mudanças que vêm transformando as relações entre os sujeitos. Temos observado, gradativamente, o estabelecimento de novas visões de mundo, a emergência de vozes antes reprimidas e a dissolução de fronteiras que mantinham pessoas “seguras” em uma organização social que parecia fixa. O estabelecimento da globalização e o início do período pós-moderno são acontecimentos que bagunçam os essencialismos e estruturações que garantiam manter as coisas “no lugar a que pertencem”, os movimentos propiciados por esse contexto sócio-histórico-político constroem a possibilidade de contato com “o outro” e oferecem a oportunidade de entender como é criada a ideia de alteridade, desvelando os mitos e aspectos negativos que são atrelados à ideia de um sujeito diferente.

Estas transformações desvelam o trabalho das dinâmicas de poder que regem os sujeitos, expondo a constituição hierárquica que organiza os sujeitos. Percebe-se que vivemos sob sistematizações estruturais que classificam sujeitos como componentes de uma dicotomia, partes diferentes de oposições binárias, alguns recebem a alcunha de “normal” e “universal”, enquanto outros são marcados como “anormais” e “estrangeiros”.

A gradativa visibilização da voz de grupos minoritários populariza questionamentos sobre como se dá a classificação, o que justifica o

processo marginalização e como e porque ele se mantém. Exploramos obras de alguns autores que discutem possíveis respostas a essas perguntas, como a coletânea *Identidade e diferença* que une Tadeu Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward (2014), pesquisadores do campo dos estudos culturais que seguem, a partir do traçado por Hall (2016) em *Cultura e Representação*, uma investigação sobre a relação dicotômica entre identidade e diferença e a criação dos jogos da diferença nos sistemas de representação; e Grada Kilomba (2019), que analisa em *Memórias da plantação* a criação da (o) outra (o) e suas implicações ao olhar para a vivência em alteridade resultante desse processo de criação da diferença.

Ao passo que a era da informação facilita o encontro e união das vozes do sul, vão se concebendo formas de aumentar a visibilidade dos sujeitos marginalizados. Um dos passos para centralização desses sujeitos é considerar a hibridiz cultural que evidencia que uma cultura é edificada através das colaborações de diferentes grupos sociais. Essa noção se tece em detrimento da antiga idealização de uma identidade nacional caracterizada pelos êxitos, valores e características de um único grupo social hegemônico, que dispunha maneiras de apagar a presença e contribuições dos sujeitos “estrangeiros”, aqueles definidos como “diferente” nos sistemas de representação (SILVA, HALL, WOODWARD, 2014).

As redes sociais da era da informação são peças significantes desse processo, pois oferecem espaços para que se ecoem vozes até então silenciadas. Seguido um processo globalização, diminuem-se as fronteiras entre os sujeitos marginalizados que, mesmo em lugares distantes, encontram modos de evidenciar e reafirmar sua existência. Nesse cenário, temos processos de afirmação identitária, onde o discurso das minorias sociais reverbera prezando pela diversificação.

Hall (2006) reafirma a cosmovisão desse contexto, ao perceber o deslocamento dos modelos europeus e da Europa enquanto sujeito universal da cultura. Uma mudança hegemônica na definição de cultura - um movimento que vai da alta cultura a cultura popular americana majoritária, mediadas pela imagem e formas tecnológicas. Incluem-se também nesta conjuntura “o impacto dos direitos civis e as lutas negras pela descolonização das mentes dos povos da diáspora negra³” (HALL, 2006, p. 336). Assim, presenciamos um momento em que esses deslocamentos vão se tornando, cada vez mais, constantes, onde o sujeito negro, por exemplo, vai tomando consciência da estruturação e funcionamento do processo de segregação que dura gerações e, além disso, de como se utilizar de ferramentas que podem auxiliá-lo a promover melhorias para si e sua comunidade. Vale ressaltar que esses movimentos são acompanhados de resistência, uma vez que a hierarquização social estabelecida envolve as dinâmicas de poder e procura se manter para beneficiar os grupos hegemônicos a todo custo.

Nosso interesse de realizar este estudo surge da observação dessas questões e a representação delas em produções literárias que retratam as dinâmicas sócio-políticas atuais, como o livro *Americanah* da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que compõe o *corpus* deste trabalho. Adichie faz parte de um grupo de escritoras que têm, crescentemente, alcançado reconhecimento, representando uma popularização da voz feminina africana através de suas obras publicadas mundialmente⁴. Outros exemplos são a camaronesa Imbolo

³ O termo diáspora pode ser definido através dos estudos culturais como um fenômeno onde grandes grupos étnicos migram seja por efeito de sua vontade própria, ou por resultado de um evento traumático ou alguma crise. A especificidade da diáspora negra, remonta o período moderno marcado pela escravização dos povos da África e pela colonização do mundo. (REIS, 2004 apud SOUZA; BARZOTTO, 2016).

⁴ Essa emergência da voz feminina africana é discutida por Younge (2018) e Wenceslau (2017), seus artigos estão disponíveis em:

Mbue, a ganesa Yaa Gyasi e a etíope Maaza Mengiste, para citar alguns nomes responsáveis por contar “histórias de amor, contos, sagas multi-generacionais, [...] escritas em vozes de homens e mulheres brancos e britânicos, [...] crianças, escravos e escravizadores, estendendo-se pelos quatro continentes e em cada século desde o 16^o” (YOUNGE, 2018, p. 3, tradução nossa⁵). Essas autoras, assim como Adichie, apresentam um perfil de enfrentamento face a alguns paradigmas de descrição da África e dos africanos que pareciam fixados.

Em sua escrita, Adichie, que tem publicadas ficções literárias, ensaios e artigos sobre o contexto sócio-político em que vive, desafia os moldes estabelecidos sobre o que caracteriza a história da África e quem é o/a africano/a. Tomando a palavra para si, a autora é um exemplo de retratação do sujeito africano por ele mesmo. Dentre seus ensaios que analisam as relações de poder e como estas afetam os sujeitos, citamos “Sejamos todos feministas” (2013), onde a autora explora a disparidade entre os gêneros e advoga pela necessidade de se exercer o feminismo para igualdade, e “O perigo de uma história única” (2014), onde propõe reflexões sobre a normalização de certos estereótipos atrelados a alguns grupos minoritários.

A palestra “O perigo de uma história única” (2014) dialoga diretamente com a proposta deste trabalho, ao passo que a autora problematiza o significado de autenticidade africana e a forma que as estruturas de poder sustentam as percepções que fazemos uns dos outros,

<<https://www.theguardian.com/books/2018/dec/15/novels-african-women-femaleauthors>> e <<https://minhaslistasculturais.wordpress.com/2017/07/30/11-livros-de-escritoras-negras-africanas-encontrados-em-portugues-no-brasil/>>.

⁵ “love stories, short stories, multi-generational sagas, [...] written in the voices of White English men and women, [...] children, slaves and slavers, ranging over four continents and in every century from the 16th.”

[...] quando eu deixei a Nigéria para cursar universidade nos Estados Unidos. [...] minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu havia aprendido a falar inglês tão bem [...], ela perguntou se podia escutar o que chamou de “minha música tribal” [...] O que me impressionou foi isso: ela sentiu pena de mim, mesmo antes de te me visto. A sua posição frente a mim enquanto africana, era uma espécie de piedade condescendente bem-intencionada. A minha colega de quarto tinha uma história única da África, uma história única de catástrofe. Nessa história única, não existia a possibilidade de africanos serem semelhantes a ela de nenhuma forma. [...] (ADICHIE, 2009, tradução nossa).⁶

Ao longo dessa palestra⁷, a autora propõe reflexões sobre as políticas identitárias atuais e o que é popular ao imaginário social, avaliando a importância da propagação de diferentes versões de histórias focadas em grupos minoritários.

O referido problema da história única surge em alguns trechos de *Americanah*, que relata a vivência de imigrantes nigerianos nos países-metrópole Estados Unidos e Inglaterra. As experiências em comum dos sujeitos nigerianos nesses contextos sócio-políticos, por vezes, deixam transparecer a percepção presente no imaginário social, compartilhada e disseminada a nível mundial, que é feita da África reduzida a ideia de terra devastada, caracterizada negativamente pela pobreza, fome, doença e sob simbologia da diversidade de fauna e flora, do misticismo religioso e da proximidade com o selvagem. Por associação, essa concepção também marca o nativo desse ambiente como coitado, selvagem e não-civilizado. Constitui a justificativa de realização deste

⁶ [...] when I left Nigeria to go to University in the United States [...] my American roommate was shocked by me. She asked where I had learned to speak English so well [...], she asked if she could listen to what she called “my tribal music” [...]. What strocked me was this: she had felt sorry for me even before she saw me. Her default position toward me as na African, was a kind of patronizing well-meaning pity. My roommate had a single story of Africa, a single story of catastrophe. In this single story, there was no possibility of Africans being similar to her in any way. (ADICHIE, 2009)

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&ab_channel=TED>. Acesso em: 03 abril 2021.

trabalho, a possibilidade de perceber esses estigmas apresentando uma história única que envolve estruturas de poder sustentadas pelo trabalho ideológico que interpela o discurso e os sujeitos (PÊCHEUX, 2014).

O objetivo geral é analisar o romance *Americanah* (2013) para identificar como as relações de poder nos sistemas de representação transparecem através do mecanismo de antecipação nas interações entre diferentes posições de sujeito na obra. Para alcance deste objetivo, delineamos também os seguintes objetivos específicos: 1) identificar no corpus as dicotomias relativas à raça e nacionalidade e 2) apontar a leitura ou jogo de formações imaginárias realizado pelas diferentes posições de sujeito envolvidas nas interações representadas.

A seguir, teceremos algumas considerações sobre as noções de representação, identidade e diferença; questões sobre a vivência e o que é considerado “outro” na sociedade ocidental; e pontos de interesse para a Análise do Discurso de linha francesa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O sistema de representação – a criação da identidade e diferença e o uso de armas para mudança

Para melhor entendermos como funciona a relação simbiótica entre as noções de Identidade e Diferença, faz-se necessário que observemos o que estudiosos como Hall, Woodward e Silva (2014) falam sobre como essas noções surgem dentro dos sistemas de representação da linguagem que usamos em nosso dia a dia.

A partir de Hall (2014) entendemos que a representação na linguagem atua simbolicamente para classificar o mundo, as coisas em nossa volta e as nossas relações. Por meio das representações que existem na língua que usamos somos capazes de atribuir, por exemplo, a

palavra (significado) “vaca” ao animal que geralmente habita a zona rural e que nos fornece leite (significante/ imagem que criamos). Assim, a palavra “vaca” *representa* o animal com as características previamente citadas. Essas representações existem para que possamos nomear coisas ao nosso redor. Mas é importante observar que as representações também funcionam por meio da diferença, como nos esclarece Silva (2014, p. 77),

De acordo com Saussure, os elementos - os signos - que constituem uma língua não têm qualquer valor absoluto, não fazem sentido se considerados isoladamente. [...] Ele só adquire valor - ou sentido - numa cadeia infinita de outras marcas gráficas ou fonéticas que são diferentes dele.

As representações que usamos diariamente funcionam como sistemas, e determinadas classificações são atribuídas a significantes ou objetos, pois estes carregam diferenças que nos permitem agrupá-los. A classificação dos signos em grupos, ao carregar o elemento da diferença, exclui ou inclui.

Essa sistematização baseada na diferença também se aplica à compreensão das identidades dos sujeitos. Silva (op.cit., p. 106) ainda nos traz a concepção de *jogo da diferença* para explicar como a identidade funciona, “ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteira’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui”.

Silva (2014) nos diz que identidade e diferença são resultados de atos da criação linguística, não são elementos da natureza, têm que ser ativamente produzidas, nomeadas por alguém. E é justamente neste processo de nomeação de identidades, dentro da cultura, que entendemos a sua relação com a representação. A criação de uma identidade, envolve a inclusão de características desejáveis, o que é positivo, bonito.

Ao lançar um olhar às identidades criadas em nossa sociedade, prontamente, nos depararemos com dualismos, dicotomias, oposições binárias. Tais oposições, frequentemente, são culturalmente criadas com claros objetivos de representar, atribuir imagens negativas a dados grupos, “[...] os termos que formam esses dualismos recebem, na verdade, pesos desiguais, estando estreitamente vinculados a relações de poder” (WOODWARD, op.cit., p.55).

Determinadas pessoas ou grupos têm o poder de criar tais identidades e incluí-las nos sistemas de representação que vivemos. Desse modo, temos a identidade do homem branco-europeu sendo representado por uma imagem geralmente associada ao bonito, pertencente ao lugar que ocupa, sinônimo de autoridade, limpeza, virtuosidade, enfim, incluem-se nessa identidade características positivas. Por outro lado, temos “o que fica de fora”, o diferente, classificamos o homem negro-africano como feio, sinônimo de subalternidade, sujeira, desonestidade, características indesejáveis, em sua maioria negativas, notadamente opostas ao anterior.

Assim, passamos a entender o trabalho do racismo como algo sistematizado, expresso, dentre outras coisas, pela criação da diferença. Kilomba (2019) diz que o racismo é discursivo, “ele funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação tornam-se equivalentes: africano – África – selva - selvagem – primitivo – inferior – animal – macaco” (KILOMBA, 2019, p. 130). A partir da autora, podemos dizer que essa imbricação do racismo nos discursos que são reproduzidos, afeta as relações sociais e de poder, naturalizando as percepções que temos do negro e dos lugares que este deve ocupar na organização social. Isso não só coloca o sujeito branco em uma posição de privilegio, mas influi na percepção que o sujeito negro tem de si mesmo.

Fanon (2001) discorre sobre essas classificações e seus efeitos sociais para os sujeitos:

Não é suficiente para o colonizador delimitar fisicamente, isso quer dizer, com a ajuda do exército e da força policial, o lugar do nativo. Como para mostrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colonizador pinta o nativo como a personificação do mal. [...] O nativo é declarado insensível à ética; ele representa não só a ausência de valores, mas também a negação dos valores. [...] Ele é o elemento deformador, que desfigura tudo que tenha a ver com beleza ou moralidade (FANON, 2001, p. 31-32, tradução nossa).⁸

O autor analisa o processo de descolonização de uma nação africana que dinamiza as relações entre branco-colonizador e negro/nativo-colonizado. Embora, vivamos em um contexto pós-colonial, é válido afirmar que ainda vivemos um processo de descolonização, visto que essa análise ainda persiste nas relações entre brancos/negros.

Kilomba (2019) considera isso quando analisa as relações raciais atuais. Para a autora o racismo cotidiano é atemporal e mantém o negro como tela de projeção para os aspectos com os quais o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo. Isso permite a “branquitude olhar para si como moralmente ideal, [...] não é com o *sujeito negro* que estamos lidando, mas com fantasias *brancas* sobre o que a *negritude* deveria ser” (KILOMBA, 2019, p. 38, grifos do autor). A autora (op. cit.) relata que isso causa um trauma psíquico nos sujeitos negros visto que as imagens que lhes são apresentadas sobre sua identidade não são gratificantes, mas um lugar de não-pertencimento, de repressão.

Mediante isso, faz-se interessante propor uma discussão, através de alguns autores, sobre as reações do negro a essas marcações de teor

⁸ It is not enough for the settler to delimit physically, that is to say with the help of the army and the police force, the place of the native. As if to show the totalitarian character of colonial exploitation the settler paints the native as a sort of quintessence of evil. [...] The native is declared insensible to ethics; he represents not only the absence of values, but also the negation of values. [...] he is the deforming element, disfiguring all that has to do with beauty or morality. (FANON, 2001, p. 31-32)

negativo atreladas a sua identidade. Fanon (2001), discorre sobre o momento da descoberta do negro sobre como o colonizador o define e o que se segue dessa tomada de consciência,

[...]; mas o nativo, que sabe o que está na mente do colonizador, advinha imediatamente o que ele está pensando sobre. [...] O nativo sabe de tudo isso, e ri consigo mesmo todas as vezes que encontra uma alusão ao mundo animal nas palavras do outro. Porque ele sabe que ele não é um animal; e é precisamente no momento que ele percebe sua humanidade que ele começa a afiar as armas com as quais vai garantir sua vitória (FANON, 2001, p. 33, tradução nossa)⁹

Podemos pensar sobre “as armas” que esse autor coloca como estratégias das quais o negro se utiliza para garantir sua sobrevivência no interior dessas sistematizações opressivas. Essas estratégias podem tomar diferentes formas. Jones e Shorter-Gooden (2004) usam o termo *shifting*, que traduzimos como “deslocamento”¹⁰ :

o subterfúgio que afro americanos têm praticado há muito tempo para garantir sua sobrevivência em nossa sociedade. [...] Eles deslocam para acomodar as diferenças de classe, gênero e etnia. De um momento ao outro, eles mudam seu comportamento exterior, atitude, ou tom, deslocam-se para “branco”, depois deslocam-se para “negro” novamente [...]. Hoje o deslocamento é mais sutil e insidioso – se manter calada quando um colega branco assedia sexualmente, por medo de não ser acreditada; agir com firmeza, mas sem agressividade no trabalho, para não afastar seu chefe branco; [...] (JONES, SHORTER-GOODEN, 2004, p. 6-7, tradução nossa).¹¹

⁹ but the native, who knows what is in the mind of the settler, guesses at once what he is thinking of. [...] The native knows all ths and laughs to himself every time he spots na allusion to the animal world in the other's words. For he knows that he is not an animal; and it is precisely at the moment he realizes his humanitu that he begins to sharpen the weapons with which he will secure its victory. (FANON, 2001, p. 33)

¹⁰ De acordo como dicionário Michaelis (2003), o termo *shift* traz algumas possíveis traduções para o português, “1. mudar, deslocar” (MICHAELIS, 2003, p. 317). Justificamos nossa escolha em traduzir o termo como “deslocamento” para evidenciar como o movimento realizado pelas pessoas negras as retira de sua posição de origem, algo que pode ser visto como confortável, para assumir uma outra posição e como essa ação é feita visando acomodar outros.

¹¹ a sort of subteruge that African Americans have long practiced to ensure their survival in our society. [...] They shift to accomodate diferences in class as well as gender and

Para as autoras o deslocamento é parte integral da vivência dos negros, principalmente das mulheres negras, a caminho da inclusão em determinados espaços. Como uma atuação, através do deslocamento o negro assume um papel que altera algum aspecto seu acreditando que será facilmente aceito, ou como forma de se dissociar dos mitos envolvidos no que significa ser uma pessoa negra.

[...] mulheres negras regularmente recebem a mensagem que elas são inferiores a outras pessoas. Muitas mulheres afro americanas acreditam que elas devem rotineiramente batalhar para desaprovar essa inverdade, geralmente percorrendo longos caminhos simplesmente para demonstrar que são tão inteligentes, competentes, confiáveis quanto seus amigos, sócios, colegas de trabalho não-negros. (JONES, SHORTER-GOODEN, 2004, p. 11, tradução nossa).¹²

Faz-se indispensável, na análise que envolve as noções de identidade e representações, que entendamos “poder” como constituinte significativo nos processos de construção destas, bem como, no peso atribuído à diferença. Em face disto, o sujeito negro, construído como diferente, consciente da marcação associada à sua identidade, que o precede e o define enquanto algo negativo, vale-se de armas para tomar posse de sua narrativa. É uma reescrita de sua história, que coincide com o processo de tornar-se, o modo de reinventar a si mesmo, nomear uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora

ethnicity. From one moment to the next, they change their outward behavior, attitude, or tone, shifting “White”, then shifting “Black” again [...] Today, shifting is more subtle and insidious – keeping silent when a White colleague sexually harasses her, for fear she will not be believed; acting eager but not aggressive at work, so as not to alienate a White boss (JONES, SHORTER-GOODEN, 2004, p. 6-7).

¹² Black women regularly receive the message that they are inferior to other people. Many African American women find that they must routinely struggle to disprove this untruth, often going to great lengths simply to demonstrate that they are as intelligent, competent, trustworthy, and reliable as their non-Black friends, associates, and coworkers. (JONES, SHORTER-GOODEN, 2004, p. 11)

nomeada, se opondo àquele lugar de 'outridade' e inventando si mesmos de modo novo (KILOMBA, 2019).

Análise do Discurso Francesa – Formações Imaginárias, relações de força e o mecanismo da antecipação nas interações.

Passamos agora a uma síntese da proposta do estudo que segue a linha francesa de Análise do Discurso, explicando inicialmente alguns pressupostos e princípios que esta abordagem segue; posteriormente, apresentaremos três conceitos-chave, presentes na arquitetura de estudo da AD francesa, de grande relevância para entendimento de nossa análise, são eles *formações ideológicas*, *interdiscurso*, *formações imaginárias* e *antecipação*.

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) alia em sua proposta três diferentes elementos: o materialismo histórico, a psicanálise e a linguística. Santos (2013) nos diz que a articulação desses componentes nos estudos propostos por essa escola, tende a conferir um caráter transversal a esta disciplina. Pêcheux, um dos precursores dos estudos em AD cita que a necessidade de articular-se os estudos linguísticos à ideologia, sugerindo uma intervenção da filosofia materialista no domínio da ciência linguística, uma vez que "se a linguística é solicitada a respeito deste ou daqueles pontos exteriores ao seu domínio, é porque, no próprio interior de seu domínio (em sua prática específica), ela encontra, de um certo modo, essas questões, sob formas de questões que lhe dizem respeito" (PÊCHEUX, 2014, p. 78).

Estabelecendo tal relação, o autor (op. cit.) marca sua proposta, diferenciando-a dos estudos linguísticos da época, através do estabelecimento do *discurso* e dos *processos discursivos* como objetos de estudo para o campo da AD. Sua definição indica o *sistema linguístico*

como base enquanto o *discurso* faz referência ao uso desse sistema que está envolvido e articula processos ideológicos:

o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, [...]. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo *discurso*: a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados (PÊCHEUX, 2014, p. 81).

Pêcheux (op. cit.) ressalta que a divisão de classes e sua luta não é indiferente à língua, na verdade, se utiliza desta em sua luta política, marcando sempre essa articulação entre a ciência das formações sociais, que envolve os processos ideológicos e científicos, e as estruturas linguísticas.

Santos (2013) define discurso como efeito de sentidos dentro da relação entre linguagem e ideologia. Sendo a ideologia a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, uma vez que é através dela que o indivíduo é interpelado em sujeito para que produza o dizer.

Importante ressaltar que a ideologia, para além de expressão de “ideias” é conceituada como “prática”, fator que pode ser constatado pela forma que rege os aparelhos ideológicos de Estado e sua função na interpelação do discurso, dos sujeitos e dos sentidos (PÊCHEUX, 2014). A relação entre ideologia e linguagem perpassa a proposta da AD francesa, por considerar que a linguagem é materializada na ideologia e a ideologia se manifesta na linguagem (ORLANDI, 2015), conferindo assim uma relação como via de mão dupla entre esses dois conceitos.

A ideologia tem sua materialidade concreta nas *formações ideológicas*, que possuem caráter “regional” e comportam posições de classe. Sua posição regional é o que permite que estejam sempre em relações de desigualdade-subordinação entre si, constituindo assim a luta ideológica de classes. Em seu funcionamento, as formações

ideológicas oferecem formas de se servir delas e realizam também processos de dissimulação que apagam a sua existência e os efeitos de seu trabalho (PÊCHEUX, 2014).

Esse processo chamado *interpelação ideológica* que convoca os indivíduos e os “transforma” em sujeitos, oferecendo-os formas de uso da língua mediante sua posição de sujeito, também trabalha sobre os sentidos das coisas.

Como todas as evidências, inclusive aquelas que fazem com que uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possua um significado’ (portanto inclusas as evidências da ‘transparência’ da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos – e que isto não constitua um problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar (ALTHUSSER *apud* PÊCHEUX, 2014, p. 139, grifos do autor).

É no interior das formações ideológicas que encontramos as *formações discursivas* que determinam o que pode e o que deve ser dito. Considerando-se essa relação entre os discursos, é válido dizer que todo discurso carrega consigo o “já-dito” de discursos anteriores que também estão nos discursos do presente. Orlandi (op.cit, 2015, p. 37), esclarece “não há discurso que não se relacione com outros. [...] os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros”.

As chamadas *formações imaginárias*, por sua vez, são as imagens que definem posições discursivas dos sujeitos. Para melhor entender, elucidamos através de Orlandi (op.cit., p. 39):

Não são nem os sujeitos físicos nem seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. [...] O que significa no discurso são essas posições.

Diante disso, vale indagar “quem (que posição-de-sujeito) tem o direito, o poder, de falar o que?”. Esse questionamento pode ser refletido através da afirmação pecheutiana de que os efeitos ideológicos designam o que é o que deve ser, de acordo com as *relações de forças* que regem as relações na sociedade em que vivemos:

Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. [...] Como a nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’ (ORLANDI, 2015, p. 37).

Quando alguém fala, sua posição-de-sujeito é levada em conta, e o poder ou falta de poder, que esta posição carrega consigo. As relações de força influem nas interações e nas produções dos discursos, pois uma leitura dessas nos diz quem pode, deve ou conquistou o direito de dizer o que.

Nos discursos, essas relações de força se fazem representar a partir do mecanismo da *antecipação*, que está na base das interações entre os sujeitos na medida em que:

todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve suas palavras’. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI, 2015, p. 37).

Assim, as interações entre os sujeitos acontecem como um jogo de imagens, onde cada locutor antecipa os efeitos do que profere, do seu discurso, na recepção do seu interlocutor. Ao antecipar e se colocar no lugar do outro, o locutor pode regular o seu discurso, o seu dizer, ao efeito que ele deseja causar no outro, o que imagina que o irá fazer rir, que irá

entender, o que pode causar confusão, quais as melhores formas de colocar o que pretende dizer, que palavras usar.

Vale dizer que esse jogo de imagens (formações imaginárias) tem relações com a conjuntura sócio-histórica, inclusas marcações de raça e gênero. Chamamos a atenção ainda para a relação que Orlandi (op.cit.) estabelece entre as noções de formações imaginárias (FIs) e antecipação, pois o jogo que é feito nas interações entre os sujeitos inclui, dentre outros elementos, a imagem que o locutor faz de si, de seu interlocutor, a imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante.

A título de ilustrar o funcionamento das FIs podemos citar uma interação entre um negro africano e um branco europeu, cada uma dessas posições de sujeitos traz imagens do seu interlocutor. É provável que a imagem do africano seja associada ao não-instruído, acometido pela pobreza, submisso, enquanto a imagem do europeu é veiculada como sinônimo de riqueza, soberania, ou, frente a revisão histórica atual, como sinônimo de colonialismo, pilhagem e violência. Em interação, esses sujeitos fazem essas imagens um do outro e retiram dali suas capacidades de comunicar-se com o outro, por exemplo, o que dizer ou como dizer para realizar seu gesto de interpretação. Assim, temos o mecanismo de antecipação que permite que o sujeito “experimente a posição do outro”, mas é válido frisar que o que ele experimenta, na verdade, é a imagem que ele faz da posição do outro.

Portanto, o estudo que segue esta linha de análise, olha para o discurso considerando-o em seu vínculo com diversos fatores como o contexto histórico-social de produção, as ideologias materializadas na linguagem, as formações imaginárias, as posições-de-sujeitos envolvidas,

bem como as relações do referido discurso com outros discursos que vieram antes dele.

O corpus

Compõem *corpus* do presente trabalho dois fragmentos do livro *Americanah*, da autora Chimamanda Ngozi Adichie. A edição do livro que utilizamos foi a publicada em português, no ano de 2013 pela editora Companhia das Letras. O gênero do livro classifica-se como romance e narra, em diferentes momentos de uma linha do tempo, a história das duas personagens principais Ifemelu e Obinze. Acompanhamos a história destas iniciando no momento em que viviam no seu país nativo, Nigéria; seguindo, sua migração para países desenvolvidos, Estados Unidos da América e Inglaterra, respectivamente; até, finalmente, o retorno ao país de origem.

O enredo da história relata a transição entre as fases da vida das protagonistas Ifemelu e Obinze, narra o romance entre os dois e relata os motivos político-sociais que levaram as personagens a migrar para outros países, explorando com cuidado a singularidade da experiência do imigrante nigeriano nesses países, além das dificuldades e os sucessos das diferentes trajetórias, associados as incertezas e tomadas de decisões do início da vida adulta. Diferentes personagens imigrantes com diferentes trajetórias são apresentados, o que corrobora com construção da singularidade para o corpo negro imigrante, africano e nigeriano.

A escolha do narrador onisciente pela autora expõe a quem lê os sentimentos, pensamentos íntimos e objetivos das personagens durante, especialmente, a experiência migratória. Observa-se que esta posição de narrador também funciona pelo mecanismo de antecipação, pois esta é a voz que interpreta e projeta as imagens que o personagem tem

de si e do outro e é responsável por expor o jogo das posições dos personagens e suas interpretações.

O primeiro fragmento que escolhemos foca na personagem Uju, tia da protagonista Ifemelu. Também nativa nigeriana, Uju é uma das primeiras personagens a migrar para os Estados Unidos, tem experiência e estudos em seu país natal na área de medicina, mas durante sua história, observamos os empecilhos postos pela burocracia americana para que exerça sua profissão. O segundo fragmento, direciona-se a Ifemelu, protagonista narrativa que em sua migração para os EUA, busca de estudo universitário, inviabilizado em seu país em função do sucateamento das instituições e das greves feitas por professores universitários em resposta aos regimes ditatoriais estabelecidos.

Através desses recortes, nossa análise lança um olhar sobre o funcionamento do jogo de imagens acerca da relação entre as posições do imigrante negro e do branco americano, evidenciando, no primeiro fragmento, o deslocamento (*shifting*), e no segundo, o uso do mecanismo de antecipação como arma de sobrevivência.

Sentidos atribuídos ao ser africano

Tia Uju no supermercado

Nesta cena do livro, Tia Uju, junto a sua sobrinha Ifemelu e seu filho Dike, vão às compras em um supermercado. Dike faz uma birra para que a mãe compre um produto, que ela não tinha condições de comprar. A criança insiste, mesmo que a mãe explique pedindo que o filho coloque o produto de volta na prateleira. A presença de outras pessoas brancas nesta cena, aliada a sua condição de imigrante africana, determinam seu comportamento.

No supermercado, tia Uju nunca comprava o que precisava; comprava o que estava em promoção e se obrigava a precisar

50

daquilo. Pegava o folheto colorido na entrada do Key Food e ia procurar os itens em liquidação em cada corredor, enquanto Ifemelu empurrava o carrinho e Dike caminhava ao lado.

“- Mamãe, eu não gosto desse. Compre o azul”, disse Dike quando tia Uju colocou caixas de cereal no carrinho.

“- Esse aqui é compre um, leve dois”, disse tia Uju.

“- Mas o gosto é ruim.”

“- O gosto é igual ao do cereal que você come sempre, Dike.”

“- Não.” Dike pegou uma caixa azul da prateleira e saiu correndo na direção do caixa.

“- Oi, fofinho!” A caixa era corpulenta e alegre, com bochechas avermelhadas descascando por causa de uma queimadura de sol. “- Está ajudando a mamãe?”

“- Dike, ponha isso lá de volta”, disse tia Uju, *com o sotaque anasalado e escorregadio que usava quando falava com americanos brancos, na presença de americanos brancos, ou onde pudesse ser ouvida por americanos brancos. Junto com o sotaque, surgia uma nova personalidade, de alguém que pedia desculpas, rebaixava-se.* Ela foi solícita em excesso com a caixa.

“- Desculpe, desculpe”, disse, procurando o cartão de débito na carteira. *Como a mulher estava olhando, tia Uju deixou Dike ficar com o cereal, mas, quando eles chegaram ao carro, agarrou sua orelha, puxou e torceu.* (ADICHIE, 2014, p. 116-117, grifos nossos).

Apontamos, a partir das partes grifadas neste fragmento o funcionamento de formações imaginárias pelo mecanismo da antecipação na representação pelo sujeito narrador das interações entre os personagens, que também envolvem as relações de poder e o deslocamento. Tia Uju, ao antecipar o pensamento do outro, americano branco, sobre a representação no imaginário social da mulher negra, imigrante africana, age de forma diferente. A formação imaginária que ela, como imigrante africana, tem sobre a imagem que o americano branco faz dela, também está envolvida neste processo de “ajuste” de sua atitude.

Kilomba (2019, p. 45) fala sobre a “vergonha”, nas interações entre sujeitos brancos e negros. A autora discute que “a vergonha [...] é provocada por experiências que colocam em questão nossas concepções sobre nós mesmas/os e nos obriga a nos vermos através dos olhos de ‘outras/os’”. Poderíamos dizer que a personagem, se vendo

com o olhar do outro, sente vergonha de sua imagem, assim, usa de ferramentas para alterar essa projeção da imagem do outro sobre si.

É importante destacarmos que este olhar envolve as relações de força entre as formações imaginárias que estão em jogo nessa interação. A autora (op.cit., p. 56) nos fala sobre as representações, os significados atribuídos ao significante “negro” e “negritude”, “a *negritude* significa não somente ‘inferioridade’, mas também ‘*estar fora do lugar*’. [...] No racismo, corpos *negros* são constituídos como corpos impróprios, como corpos que estão ‘*fora do lugar*’ e, por esta razão, corpos que não podem pertencer”.

Diante disto, a personagem tenta esgueirar-se desta representação do negro como oposto do branco. O negro como inferior, mal-educado, causador de desavenças e desconforto. Ela tenta “controlar” sua atitude, diante de uma situação que levaria talvez, maioria dos pais, a reagirem com raiva, em repressão à desobediência de seu filho. Provavelmente elevando o tom da voz para reafirmar sua autoridade e sua ordem ao filho de colocar o produto de volta na prateleira. Ela faz isso para mostrar-se ao olhar do branco como sendo igual a ele, antecipando e contrariando a formação imaginária que este teria dela, como negra, sendo “descontrolada”, “descomposta”.

O *sujeito negro* torna-se então tela de projeção daquilo que o *sujeito branco* teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o. (KILOMBA, 2019, p. 37, grifos do autor).

O narrador, ainda enfatiza que esta é a forma com a qual Tia Uju se conduz sempre que está na presença de pessoas brancas. O que está implícito aqui é ação de modelação do sujeito negro pelo sujeito branco. A presença do branco opressor dentro do negro, fazendo com que atribua e assimile significados negativos ao significante “negro”.

Conforme Freire (2019), os opressores “penetram” nos oprimidos e neles se “hospedam”, de forma necrófila, criam o sentimento de autodesvalia nos oprimidos, uma introjeção que eles fazem da visão que deles têm os opressores. Em outras palavras, o sujeito negro assimila e carrega consigo a forma com a qual o discurso racista o criou, sua associação com aquilo que é negativo e diferente o acompanha sempre.

A invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. [...] Os invasores modelam; os invadidos são modelados. [...] Aos invasores, na sua ânsia de dominar, de amoldar os invadidos a seus padrões, a seus modos de vida, só interessa saber como pensam os invadidos seu próprio mundo para dominá-los mais. É importante, na invasão cultural, que os invadidos vejam sua realidade com a ótica dos invasores e não com a sua (FREIRE, 2019, p. 205-206).

Nesta modelação, que o opressor faz do oprimido, justificamos a forma com que Tia Uju revela uma nova personalidade, pede desculpas excessivamente e rebaixa-se. Ela demonstra que entende como é vista sob a ótica do “invasor”, do branco. Ao modelar-se ela reproduz a visão de mundo do branco, imitando-o, seguindo o padrão estabelecido. Padrão este, que, de acordo com o que discutiremos sobre identidade e diferença, é o polo negativo da oposição binária com o “branco”.

Chamamos atenção também para a menção, no trecho sob análise, ao aspecto do “sotaque anasalado e escorregadio” que é uma mimese do sotaque do inglês americano, em contraste e em repressão do próprio sotaque de inglês nigeriano, original à personagem. Essa variação linguística é associada a pessoas brancas, logo assume um *status* diferente, traços linguísticos que destoem disso poderiam sugerir algo negativo.

Poderíamos apontar nesta imitação do sotaque americano, bem como em outros aspectos comportamentais da cena, como “a nova

personalidade”, o deslocamento (*shifting*) da personagem no modo como ela passa a agir. Tia Uju dispõe de um certo tipo de atuação como ferramenta, uma tentativa da personagem de assimilar-se à identidade e cultura do outro. Mascando aspectos de sua identidade nigeriana, ela entende prontamente que neste novo ambiente em que vive, seu “eu”, não é sinônimo da identidade nacional, é, por outro lado, considerado como “outro”. Aqui, trazemos uma perspectiva de Fanon (2001, p. 38, tradução nossa) sobre a prática de assimilação “a fim de assimilar e experienciar a cultura do opressor, o nativo teve que empenhar certas partes de sua propriedade intelectual”.

É justamente o penhor do seu intelectual e do que o seu “eu” significa que observamos neste fragmento. Interpretamos que a assimilação da personagem é fundada com o objetivo de sobrevivência, o desejo de se mascarar e experienciar a cultura do outro é válido para ela como teatro para que seja considerada como “americana”, como parte daquele país. Assim, ela muda o seu sotaque, exibe uma personalidade diferenciada e rebaixa-se diante do olhar do americano branco, mas ao chegar ao carro, ela se despe disto e revela quem realmente é. O real de Tia Uju é de um sujeito dividido que, num contexto de opressões sistemáticas, vê-se ponderando entre expor o seu eu, ou expor uma imagem sua, que tenta colocá-la em semelhança com o outro branco americano.

As condições empíricas e imediatas, na relação de Tia Uju com a caixa de supermercado não demonstram uma confrontação ou opressão diretas. É pelo efeito do imaginário, que antecipa as imagens do sujeito branco sobre o negro, que Tia Uju assume a posição imigrante negra/africana e rememora a formação imaginária racista que influi nas relações de opressão entre brancos/negros e colonizadores/colonizados.

Ifemelu e os documentos americanos

Nesta cena, observamos Ifemelu, recém-chegada nos EUA, sob o visto de estudante. As dificuldades financeiras que experiencia junto a sua tia demandam que ela procure emprego para que possa se manter no país. A adversidade é que o visto de estudante, que ela possui, não permite que trabalhe, fazendo com que ela use um documento de outra imigrante nigeriana, já legalizada no país, para trabalhar. O desenrolar desta cena gira em torno do nome no documento que Ifemelu usa e apresenta aos potenciais empregadores nas entrevistas de emprego, que é diferente do seu e inicialmente faz com que ela se confunda.

Ela repetiu “Eu me chamo Ngozi Okonkwo” na frente do espelho antes da sua próxima entrevista, no restaurante Seaview. “Posso chamar você de Goz?”, perguntou o gerente depois que eles deram um aperto de mão, e Ifemelu disse que sim, mas, antes de dizer que sim, fez uma pausa, a mais breve das pausas, mas ainda assim uma pausa. E se perguntou se foi por isso que não conseguiu o emprego.

Depois, Ginika disse: “Você podia ter dito que Ngozi é seu nome tribal e Ifemelu é seu nome da selva, e ainda ter inventado mais um nome e dito que era seu nome espiritual. Eles acreditam em qualquer merda sobre a África”. Ginika riu, uma risada segura e profunda. Ifemelu riu também, embora não tivesse entendido bem a piada. (ADICHIE, 2014, p. 140, grifos nossos)

Neste fragmento, identificamos os mecanismos de antecipação e formações imaginárias nas partes grifadas. A personagem Ginika, amiga de Ifemelu, ao dizer: “eles acreditam em qualquer merda sobre a África”, deixa transparecer a formação imaginária que o africano tem sobre a imagem que o americano branco tem sobre ele e o continente africano. Ao indicar “nome tribal”, “nome da selva” e “nome espiritual”, a personagem antecipa que o significado atribuído ao africano no imaginário do branco é o do primitivo, daquele que é mais próximo de um misticismo religioso unido à natureza.

O pronome “eles” aponta para o americano e “qualquer merda” exemplifica a forma absurda dos significados e representações que são atribuídas aos africanos pelos próprios brancos de origem europeia, na construção dos sistemas de representação. Recorremos a Hall (2006), que diz que, nesses sistemas de representação, as diferenças são naturalizadas e des-historicizadas, confundindo o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. “O significante ‘negro’ é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político e é alojado em uma categoria racial biologicamente construída, valorizamos pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir” (HALL, 2006, p. 345). Logo, entendemos o atributo simbólico da diferença, pelo qual são acentuadas as justificativas da diferença como algo biológico e esquecendo-se que o negro é visto como selvagem por efeito da própria formação política, histórica e cultural.

Kilomba (2019) diz que não é com o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser. “Nós nos tornamos visíveis através do olhar e do vocabulário do *sujeito branco* que nos descreve: não são nossas palavras nem nossas vozes subjetivas impressas nas páginas da revista, mas sim o que representamos fantasmagoricamente para a nação *branca*” (op.cit., 2019, p.73). Temos, no fragmento sob análise, uma referência a essas fantasias brancas, parte de formações imaginárias que influem sobre a imagem do negro como “tribal”, “espiritual”, o “selvagem”.

A reprodução desses simbolismos para o negro advém de quem tem poder para criar e ditar os sistemas de representação, que é opressor. O opressor deixa para o “outro” justamente os significados com os quais não quer ser reconhecido.

Ao dizer que Ifemelu poderia ter inventado um nome tribal, um nome espiritual, um nome da selva, Ginika também advoga pelo

deslocamento (*shifting*) como ferramenta de sobrevivência. Agir de modo a adequar-se à imagem que o branco tem do negro, o africano colocaria em jogo uma atuação onde mudaria seu comportamento, visto que ela tem uma imagem do que significa ser africano que é diferente da do branco. Nesse percurso, a atuação proposta pelo deslocamento garantiria sua sobrevivência, que, nesse fragmento, poderia ser simbolizada pela admissão no emprego.

Acentuamos ainda, o humor com o qual a personagem Ginika se refere ao antecipar tal formação imaginária que o branco americano faz do imigrante africano. E relembramos a referência de Fanon (2001) sobre as armas que serão utilizadas pelo nativo/negro. As transpostas neste fragmento da narrativa, fazem referência à forma pela qual a personagem Ginika incita Ifemelu a confundir os brancos/americanos sobre sua identidade e cultura. Essa confusão usa, ao mesmo tempo, dos próprios sistemas de representação irrealis que atribuem o selvagem ao africano, mas agora eles são utilizados pelo africano como arma para conseguir um emprego, no caso da personagem.

Ainda sobre o tom de humor e ironia do último fragmento analisado, lembramos aqui a reflexão de Fanon (2001, p. 72, tradução nossa¹³): “para a declaração ‘todos os nativos são iguais’ a pessoa colonizada responde ‘todos os colonizadores são iguais’”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Americanah (2013) é uma obra significativa, cuja autora faz parte da vanguarda de escritoras africanas de nossa contemporaneidade. Evidenciamos, nos fragmentos analisados da obra, a construção de uma

¹³ To the saying ‘All natives are the same’ the colonized person replies ‘All settlers are the same’ (FANON, 2001, p. 72).

leitura que se direciona à ampliação dos limites estabelecidos pela “história única” do que significa a África e os africanos. O africano toma a palavra para si e revela questões que fazem parte de sua vivência, como o exercício do deslocamento (*shifting*), a contestação dos paradigmas de opressão, que constituem resistências diárias. A obra propicia reflexões sobre como o racismo estrutural influi no cotidiano e está imbricado no âmbito do discursivo, sendo assim reproduzido diariamente.

Consideramos em nossa interpretação dos fragmentos da narrativa de Adichie um jogo de imagens onde uma posição de sujeito faz uma imagem da identidade do outro, ou até mesmo, antecipa a imagem que o outro faz de si, levando em conta aspectos da identidade e diferença. Nas interações analisadas, observamos como as personagens tentam reafirmá-las, negá-las, mascará-las.

Pessoas que têm o poder para falar e ditar como se organizam os sistemas de representação, mantêm sua influência pois as imagens que são atribuídas ao negro e ao branco como dicotomia, ainda permanecem no imaginário dos personagens. A diferença que apontamos é a consciência, a antecipação que o nativo/negro/oprimido realiza, na obra, a respeito das mesmas, muitas vezes, a seu favor.

Na conjuntura atual, onde a visão essencialista sobre as identidades vem sendo supervalorizada e certos valores atrelados a identidade nacional vem sendo reafirmados, como resposta repressiva aos movimentos de migração, globalização e multiculturalismo, “a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças - neste caso entre grupos étnicos - são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (WOODWARD, 2014, p. 11). Desse modo, o livro

subverte este padrão, estabelecendo a identidade do imigrante africano como consciente das articulações atribuídas ao que sua identidade significa.

Em conclusão, destacamos a importância de obras como *Americanah*, que podem promover a conscientização do oprimido sobre sua posição nos sistemas de representação, no polo negativo, é efeito de manobras sócio-políticas que tendem a marginalizá-lo. Nessa perspectiva, corroboramos as palavras de Freire (2019, p. 84-85): “[...] os oprimidos, jamais estiveram *fora de*. Sempre estiveram *dentro de*. Dentro da estrutura que os transforma em ‘seres para outro’. Sua solução, [...] transformá-la para que possam fazer-se ‘seres para si’”.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Americanah**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

CHIMAMANDA Adichie: o perigo de uma única história. Publicado pelo canal TED, 2009. 1 vídeo (19 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg&ab_channel=TED>. Acesso em: 03 abril 2021.

FANON, F. **The Wretched of the Earth**. Great Britain: Penguin Classics, 2001. (tradução nossa)

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HALL, S. Que “negro” é esse na cultura negra?. In: HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Editora UFMG: 2006. p. 335-349.

JONES, C; SHORTER-GOODEN, K. **Shifting**: The double lives of black women in America. 1. ed. Nova Iorque: Harper Collins Publishers, 2004. (tradução nossa)

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MICHAELIS DICIONÁRIO UNIVERSAL INGLÊS. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: Princípios e Procedimentos. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SANTOS, S. S. B. Pêcheux. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 209-233.

SILVA, T. T. (org.) HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SOUZA, R. F. N.; BARZOTTO, L. A. A. As faces de Ifemelu em *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie. **Raído**, v. 10, n. 21, p. 54-68, 2016. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5210>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

TODOS nós deveríamos ser feministas | Chimamanda Ngozi Adichie | TEDEXEuston. Publicado pelo canal TEDx Talks, 2013. 1 vídeo (30 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc&ab_channel=TEDxTalks>. Acesso em: 03 abril 2021.

WENCESLAU, T. 16 livros de escritoras negras africanas publicados no Brasil. **Minhas listas culturais**. 23 nov. 2017. Disponível em: <<https://minhaslistasculturais.wordpress.com/2017/07/30/11-livros-de-escritoras-negras-africanas-encontrados-em-portugues-no-brasil/>>. Acesso em: 03 abril 2021.

YOUNGE, G. My year of Reading African women, by Gary Younge. **The Guardian**. 15 dez. 2018 Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2018/dec/15/novels-african-women-female-authors>>. Acesso em: 03 abril 2021. (tradução nossa)

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

COSTA, A. M. B. da C.; OLIVEIRA, M. A. O que significa ser africano? - uma análise discursiva das formações imaginárias em *Americanah* (2013) de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 7, nº15, jan-jun/2022, p. 31-61.